

Do Japão ao Brasil: o Dharma de Buda



Aoyama Shundo Docho Roshi me recebeu por cerca de uma hora. Contou-me de sua ida, em junho, para a Tailândia. Suas palestras não são necessariamente sobre a posição das mulheres e das monjas nas tradições budistas. Mas o fato de Aoyama Shundo Docho Roshi ter feito palestras na Tailândia é a manifestação de uma transformação profunda em um país onde as mulheres que renunciam à vida familiar não são aceitas completamente como monásticas.

Se em minutos nosso encontro pudesse ser considerado curto, foi longo e profundo em conteúdo.

Comentou sobre sua tarefa atual — a de ser a Mestra de Preceitos nas grandes cerimônias dos mosteiros-sede de Eiheiji e de Sojiji, no Japão. Esse encargo antes só era confiado a homens, monásticos de alto grau de realização. O fato de Aoyama Roshi ser a primeira monja nessas funções é muito importante para todas as monjas (e monges), todas as mulheres (e homens), em todos os recantos da Terra.

Sorvendo a chávena do delicioso e bem preparado chá-verde (machá), depois de havermos compartilhado um doce especial, ainda tive a honra de ouvi-la comentar sobre um dos atuais abades-chefes (Zenji-sama):

"Antes de se tornar Zenji, o reverendo monge, que foi meu colega de pós-graduação em estudos budistas na Universidade de Komazawa (Universidade da Soto Shu, com sede em Tóquio), certa tarde me telefonou. Queria meus comentários sobre o Caso Dois do Shoyo Roku (Anais do Penhasco Azul). Como pude abrir espaço em minha agenda, em poucos minutos ele chegou ao nosso mosteiro.

Fui recebê-lo de maneira informal — afinal, era um colega de turma. Ele, entretanto, vestia o manto e, ao me ver, fez

três reverências completas, pedindo pelos ensinamentos. Fiquei surpresa e honrada.

Não estou dizendo isso para me vangloriar. São aspectos dos meus encargos atuais, e o faço para que todas as monásticas possam ser igualmente consideradas e respeitadas".

Eu a ouvia com muito respeito, pois a conheço da intimidade do convívio intenso, diário, de oito anos no mosteiro. Ela sempre foi a primeira a se levantar e a última a se deitar. Recebendo pessoas, orientando, escrevendo livros, respondendo a cartas, atendendo a telefonemas, participando de reuniões, encontros, dando palestras, ensinando zazen e nos recebendo em seus aposentos com as nossas insuficiências e insistentes reclamações. Nunca houve nada que a desabonasse. Nunca a vi raivosa, rancorosa. Trata a todos e todas com respeito e mantém a dignidade simples de uma verdadeira Abadessa, de uma grande mestra.

Antes de sua entrada na sala, eu a esperava sentindo o calor dos raios de sol das 4h da tarde em Nagoia, no início da primavera. Pela janela via o jardim, o nosso jardim. O jardim de onde tirei matinhos, varri folhas e ouvi o som dos pássaros. Estavam todos lá: a grande árvore, agora de folhas verdes, um tatinho mais velha. Os varais com quimonos pendurados — assim como eu um dia fiz. Melancolia de um passado que não volta jamais. Evitava me sentar por muito tempo em seiza, posição da qual me desacostumei depois de 17 anos no Brasil.

Já estávamos tomando o chá-verde de folhas novas e um biscoito salgado de arroz quando a jovem monja veio avisá-la de que outro convidado chegara.

Assim nos despedimos. Ela teria de ir nessa mesma noite de volta ao seu templo em Nagano, para um dia de zazen e palestras. Voltara aquela tarde de Akita, bem no norte do Japão, onde fizera palestras do Dharma.

Presenteou-me com seu novo livro. A dedicatória, explicou-me mais tarde, quando refazia um arranjo de flores na sala de palestras formais: "O que cai, novamente se levanta. A flor que murcha se torna adubo para uma nova flor".

Deixei com ela a Monja Zentchu, que feliz aprende japonês e as maneiras de ser monja com outras 20 noviças.

Zentchu-san e eu voltávamos da cerimônia memorial de 17 anos para Maezumi Roshi, meu mestre de ordenação no Zen Center of Los Angeles. Havia mais de 100 convidados no Templo Kirigaya, em Tóquio. Monges, monjas, leigos e leigas do Japão, da Europa, dos Estados Unidos e do Brasil.

Maezumi Roshi foi homenageado e lembrado por seus amigos, irmãos, familiares, discípulos e netos discípulos. O monge Tenkei, da Holanda, seu neto no Dharma, oficiou a cerimônia. Depois das palavras finais, um mestre de Shamisen silenciou palavras e o sentimento puro nos uniu.

Houve festa, cumprimentos, poesias, música, entretenimento.

Maezumi Roshi (Koun Taizan Hakuyū Daishō), receba aqui também a nossa homenagem no voto diário de seguirmos os ensinamentos de Buda, na prática incessante e no compromisso de transmitir o Verdadeiro Dharma.

São os mesmos votos que fiz ao meu mestre de transmissão, Zengetsu Suigan Daishō (Yogo Roshi), e que faço também à Buda Viva Kakuzen Shundo Daishō (Aoyama Roshi).

Agradecendo a todos os monges e monjas, leigos e leigas que tornam possível hoje nossa prática aqui no Taikozen Tenzui Zenji.

Mãos em prece,
Monja Coen

Acontece no Zendo

1}



1. No dia 30 de abril, a menina Aurora recebeu a Bênção da Grande Sabedoria Perfeita, realizada pela Monja Coen no Templo Tenzui Zenji. Aurora nasceu em 6 de outubro de 2010 e é filha de Raul Carlos Pereira Barreto Filho e de Helena de Andrade Cerello.

2. Em março, no Japão, Aoyama Shundo Docho Roshi se despede das monjas que se formaram este ano. A Monja Zentchu está à direita na foto.

3. Monjas reunidas no Mosteiro de Nagoia, Aichi Senmon Nisodo, onde a Monja Coen se formou e onde a Monja Zentchu pratica atualmente.

4. Templo Kirigaya durante a abertura da Cerimônia Memorial para Maezumi Roshi (Koun Taizan Hakuyu Daisho).

5. Monja Zentchu e Monja Coen no trem-bala de Nagoia para Tóquio.

6. Monja Coen e Monja Zentchu visitam os familiares de Elisa Midori Kozasa (Unifesp) no templo da Soto Zen Soseiji, em Tóquio. No centro da foto, reverendo Shuho Iijima, abade aposentado de Sosenji e da Universidade de Komazawa.

7. No dia 28 de maio de 2011, uma cerimônia do chá foi realizada no ateliê de Hideko Honma pelas instrutoras da Escola Urasenke de Chá, com o apoio de Jo Takahashi e da Editora JBC. Monja Coen falou sobre a cultura japonesa e os ensinamentos de Buda.

8. Na recente viagem ao Japão, no mês de julho: sra. Osada, uma das associadas fundadoras do Templo Fujidera; Maria Clara, do grupo zen budista; Monja Coen e sra. Iida, uma das associadas fundadoras do Templo Fujidera.



8}



2}



3}



4}



5}



Foto: Ricardo Miyajima

6}



Ilustração: Engetsu Carol Lefèvre

crônica

Costurando a okesa

Por Anju Angelo Palumbo

Agora, nestes tempos em que estou costurando a okesa, tenho me percebido sutilmente agitado. Mas não tinha muita certeza de qual seria o motivo. Poderia ser a questão de ter de costurá-la manualmente peça por peça, ponto por ponto, já que isso me obriga, paulatinamente, a reviver o infeliz acidente da perda de minha premiadíssima mão esquerda, agora privada de qualquer movimento articular inteligente, coreografia essencial para quem tem a pretensão de executar um bom trabalho de arte. Ou seria, então, o fato de que essa rotina, além de tudo, me obriga, num suplício "ponto cruz", a perceber que definitivamente a minha mão direita é ignorante e tola de tudo, coitadinha, e não tem habilidade para a costura. Não. É algo mais sutil que isso.

Foi após o zazen habitual que as pecinhas foram se encaixando e a questão então se delineou claramente. A pomposidade que será ter que vestir e usar a okesa! A postura solene e formal que o manto nos dá quando o estamos vestindo causa um certo incômodo. Aliás, não é só o manto, mas toda a vestimenta que compõe o traje soto zen. Como é? Deixem-me ver... Juban, kimono, hakama, mais uma pavorosa cinta-faixa elástica (com um palmo de largura, que lembra muito as cintas de autoflagelo usadas na época medieval ou os corpetes femininos da era vitoriana – assustador), koromo, zagu e, por fim, o manto (o compromisso do Bodisatva).



Impecavelmente tudo limpo e estirado, obviamente vestido em movimentos ágeis, assertivos e harmônicos... Um traje elegantíssimo, sem dúvida, mas extremamente suntuoso.

Foi quando fui encomendar o enxoval completo que me deu conta: "Geeeeezz! Ops... Por Buda!" Dei um passo para trás. Movimentos ágeis, assertivos e harmônicos, eu?? Sei! Se demanda empenho de quem já se acostumou com ele, imaginem então o que será de mim, tendo que repetir a mesma façanha só com uma mão, que, por sua vez, é totalmente

descoordenada... Podem prever o desastre? Vai ser uma total comédia! Vamos ter que dar muita risada para aliviar a tensão e o constrangimento. Podem me imaginar numa cerimônia formal, solene, com outros representantes da escola Soto Zen?

A vontade que eu tenho mesmo é de pegar o primeiro pano "véio" que encontrar e me enrolar nele: "Pronto, tá aqui o novo traje zen brasileiro!" Justo eu, para vocês terem uma ideia, que não mudo minhas blusas de frio há mais de 30 anos! Elas praticamente voltam para casa sozinhas...

Brincadeiras à parte, a verdade é que o que me deixou nesse estado agitado não foi a figura incrivelmente sofisticada e infinitamente desastrada que posso vir a me tornar, as gafes ou papelões, nem tampouco o estresse que

essa movimentação toda vai me causar, quase que diariamente. Mas a questão muito mais profunda, mais séria e consistente que surge dessa ação: o que vem a ser usar essa roupa? O que de fato significa ser monge?

E em busca dessa resposta, meus amigos, estou prestes a embarcar nesta nova jornada para descobrir.

Sensei,

Alguns dias antes do jukai, durante o jukai e depois do jukai, experimentei sensações e sentimentos muito intensos, fortes, conflitantes até.

Durante aproximadamente uma semana, as sensações em meu corpo me remetiam a cada instante da cerimônia vivida, a cada memória emergida e às continuamente emergentes.

A memória impressa na musculatura, presente na forma de uma prazerosa dor, me manteve num contínuo movimento de prostrações.

Da manifestação mais densa do corpo, o acesso às manifestações mais sutis.

Na introspecção e num certo isolamento, um tempo de gestação.

Um processo de assimilação de processos.

Familiaridade com todas as faces.

Possibilidades de aceitação.

Movimentos de expansão e de retração.

Sentimentos de pura conexão.

Uma instintiva necessidade de resguardo, de cuidado e de contemplação.

A viva memória do seu olhar.

A vontade de tocar.

O desejo de abraçar.

Na delicadeza e na doçura dos monges, o impulso de repousar, de estar e de integrar.

Retorno e me abrigo em Buda.

Retorno e me abrigo no Dharma.

Retorno e me abrigo na Sanga.

Gassho,

Jiten Leonor Fridman



O Terceiro Ancestral do Dharma – Shonawashu

Capítulo 3 do Denkoroku – Anais da Transmissão da Luz, de Mestre Keizan Jokin Daioشو

CASO

O Terceiro Ancestral foi o Venerável Shonawashu. Ele perguntou a Ananda: "Qual é a natureza original e não nascida de todas as coisas?" Ananda apontou para o canto do manto de Shonawashu. Então Shonawashu perguntou novamente: "Qual é a natureza original da iluminação de todos os Budas?" Ananda segurou o manto de Shonawashu e puxou sua ponta. Neste momento, Shonawashu foi grandemente iluminado.

CIRCUNSTÂNCIAS

(...) O Venerável Shonawashu era originalmente um feiticeiro que vivia nas montanhas do Himalaia. Ele encontrou Ananda e assim aconteceu este diálogo. "Qual é a natureza original e não nascida de todas as coisas?" Eis uma pergunta que ninguém havia feito antes. Apenas Shonawashu perguntou isso. Não existe quem não tenha essa natureza original e não nascida de todas as coisas, mas ninguém sabe disso e ninguém pergunta sobre isso. Por que é chamada de natureza não nascida? Apesar das miríades de coisas nascerem dessa natureza, não é algo que possa nascer, e por isso é chamada de natureza não nascida. Montanhas não são montanhas, rios não são rios. Por isso, Ananda apontou para o canto do manto de Shonawashu.

TEISHÔ

Kesa (do sânscrito *kasaya*, o manto dos monges) é uma palavra indiana que significa "cor indefinida" ou "cor não nascida". Na verdade, vocês não deveriam ver isso como "cor" no sentido comum. Uma maneira de entendê-lo é como a cor da mente, do corpo e do ambiente externo de todas as coisas. Todos os Budas, assim como grilos, formigas, mosquitos, vespas e libélulas, todos têm cor de acordo com seu carma. No entanto, essa cor não tem relação com a percepção ordinária. Eles não são forma ou cor. Dessa maneira, não há três reinos a deixar, nem Caminho a ser realizado.

Apesar de compreender isso tudo, Shonawashu perguntou novamente: "Qual é a natureza original da iluminação de todos os Budas?" Desde incontáveis kalpas, vocês também possuem essa natureza original. No entanto, a não ser que percebam isso, estarão inutilmente obstruídos por seus olhos. Dessa forma, Shonawashu fez essa pergunta para clarificar a origem de todos os Budas. O Venerável Ananda intencionalmente segurou o canto do Kesa de Shonawashu para mostrar-lhe que o próprio Shonawashu surge da natureza original de todos os Budas, tão instantaneamente quanto o eco responde a um chamado ou um tambor ressoa ao receber uma batida. Nesse momento, Shonawashu foi grandemente iluminado.

Embora desde tempos imemoriais vocês possuam essa natureza original, se não experimentarem isso, não perceberão que são a Mãe-Sabedoria de todos os Budas. Por isso, Budas apareceram no mundo um após o outro, e os Ancestrais

expuseram o Dharma de geração em geração. Embora não haja nada para dar a alguém, nem nada para receber de alguém, vocês devem experimentar isso tão intimamente quanto tocar o nariz na própria face.

Na prática do Zen, vocês devem investigar e atingir a iluminação por vocês mesmos. Depois de despertar, devem procurar outros que tenham despertado. Se não encontrarem essas pessoas, vocês estarão inutilmente apegados à própria iluminação e serão como espíritos sem corpo, ou árvores, ou gramas que crescem em árvores. Por meio desta história, percebam que vocês não devem praticar o Zen inutilmente e passar toda a vida em vão. Não expressem visões naturalistas, que negam a causalidade, e não se preocupem egoisticamente com seus antigos pontos de vista pessoais.

Vocês podem pensar: "O Caminho dos Budas e dos Ancestrais distingue entre os indivíduos e suas capacidades. Não somos capazes de praticá-lo". Essa é a mais tola de todas as ideias. Qual entre os antigos Ancestrais não nasceu de uma mãe e de um pai, não teve sentimentos de amor e afeição, ou desejos por fama e fortuna? No entanto, quando praticaram o Caminho, eles o alcançaram completamente. Assim, da Índia ao Japão, através dos três tempos do Dharma Correto, do Dharma Formal e do Dharma Degenerado, pessoas em número suficiente para inundar as montanhas e os oceanos atingiram a iluminação. Assim, vocês, monges, que podem ver e ouvir o Dharma, não são diferentes dos antigos. Aonde quer que vocês vão, pode-se dizer que são completamente Makakashô e Ananda. Não há diferença quanto aos quatro grandes elementos e aos cinco agregados, então de que maneira são vocês diferentes dos Ancestrais em relação ao Caminho?

Como resultado de meramente não penetrarem esse princípio e não se esforçarem no Caminho, vocês não apenas perderão seu precioso corpo humano, que é difícil de ser obtido, como também não perceberão que ele é a expressão do Eu. Percebendo dessa maneira que não se deve viver de forma negligente, Ananda tomou Makakashô como seu professor, e Ananda também aceitou Shonawashu. Assim, o Caminho foi transmitido de mestre a discípulo. O Olho Tesouro do Verdadeiro Dharma e a Maravilhosa Mente de Nirvana que chega até nós dessa forma não é diferente de quando Buda estava vivo. Assim, vocês não devem lamentar por não terem nascido na terra de Buda, ou por não terem vivido na época em que ele viveu.

Em tempos antigos, vocês plantaram abundantemente as sementes de boas ações e criaram uma conexão profunda com Prajna Paramita. Como resultado, estão aqui reunidos no Templo Daijo. Na verdade, é como se vocês estivessem ombro a ombro com Makakashô e se sentassem joelho a joelho com Ananda. Assim, embora possamos hoje ser anfitrião e hóspedes, em próximas vidas vocês serão Budas e Ancestrais. Não se deixem bloquear por sensações sobre passado e presente, e não se apeguem a sons e formas. Não passem seus dias e noites em vão. Cuidadosamente se esforcem no Caminho, cheguem ao reino final dos antigos e recebam agora o selo de autenticação e as instruções para o futuro do mestre atual de Daijo-ji (Tettsu Gikai).

VERSO

Eu gostaria de clarificar esta história com um humilde verso. Vocês gostariam de ouvi-lo?

Rio sem fonte caindo de um abismo de 100 mil metros
Perfurando rochas, espalhando nuvens, ele surge
Varrendo a neve, fazendo flores voarem loucamente
Um pedaço de seda branca, sem poeira alguma •

Oito casos do Shinji Shobogenzo

Mestre Eihei Dogen

O Shinji Shobogenzo foi compilado por Mestre Dogen enquanto ele estava na China, e contém 301 histórias tradicionais que relatam diversas conversas e ações dos antigos mestres zen. Escrito em chinês – a língua original das histórias nele contidas –, foi completado provavelmente em 1235, antes do mais famoso Kana Shobogenzo (que muitas vezes conhecemos somente por Shobogenzo), traduzido posteriormente para o japonês. As histórias compiladas por Mestre Dogen no Shinji Shobogenzo (também conhecido como Mana Shobogenzo ou como Shobogenzo Sanbyakusoku, o Shobogenzo de Trezentos Versos) derivam de textos da dinastia Sung, como Keitoku Dentoroku, Shumon Toyoshu, Engo Goroku e Wanshi Goroku. Ao contrário do Kana Shobogenzo, o Shinji Shobogenzo não traz os comentários de Mestre Dogen, que neste caso se limita a relatar as histórias antigas. No entanto, as mesmas histórias depois foram usadas de inúmeras formas por Mestre Dogen em seu Kana Shobogenzo, e aparecem muitas vezes neste livro mais famoso. Nele, Mestre Dogen as vira e revira, apresentando-as de diversos ângulos, iluminando o Dharma de sua maneira tão peculiar e brilhante. É interessante notar que Mestre Dogen não chamou as histórias do Shinji Shobogenzo de koans, e sim de kosoku (critérios ancestrais) ou innen (circunstâncias, histórias).

CASO 110

Certo dia, Guishan pediu a seus alunos que apresentassem seus pontos de vista, dizendo: "Eu os encontrarei fora do som e da forma".

O monge sênior Jianhong disse: "Estou disposto a me apresentar: não tenho olhos".

Guishan não o aprovou.

Yangshan se dirigiu a Guishan quatro vezes. Primeiro, ele disse: "Eu vejo aquilo que não é visto".

Guishan respondeu: "É tão fino quanto a ponta de um fio de cabelo e tão frio quanto neve e gelo".

A segunda vez, Yangshan disse: "Quem quer nos ver fora de som e forma?"

Guishan respondeu: "Você está apegado ao leque da renúncia".

A terceira vez, Yangshan disse: "Dois espelhos refletem um ao outro sem nenhuma imagem entre eles".

Guishan disse: "O que você está dizendo está correto. Entretanto, eu estou certo e você está errado. Você já criou uma imagem".

Finalmente, Yangshan disse: "Como minha mente é nebulosa, minhas respostas são inábeis. Quando estudava com o Mestre Baizhang Huaihai, que modo de ver você apresentou a ele?"

Guishan disse: "Eu disse ao Mestre Baizhang: "É como centenas e milhares de espelhos brilhantes refletindo uma imagem. Embora luzes e sombras iluminem umas às outras, elas não dependem umas das outras".

Yangshan fez uma reverência, com gratidão.

CASO 6

Certo dia, um monge perguntou ao Mestre Roya Ekaku, do distrito de Joshu: "É dito que o Universo inteiro é puro e mostra sua forma original. Como é possível, então, que ele

manifeste montanhas, rios e a terra?"

Roya Ekaku disse: "O Universo inteiro é puro e mostra sua forma original. Como é possível, então, que ele manifeste montanhas, rios e a terra!"

CASO 81

Mestre Unmon disse aos monges: "Cada um existe com sua própria luz. No entanto, quando tentamos olhar para ela, é invisível, e há apenas escuridão profunda. Como existe esta luz?"

Ninguém na assembleia respondeu. Então, o Mestre respondeu por si, dirigindo-se à assembleia: "A sala de zazen, a sala de Buda, a cozinha e o portão do templo".

Depois, acrescentou: "É melhor que nem mesmo coisas boas existam".

CASO 105

Mestre Ungan perguntou a Mestre Dogo: "O que Kannon Bodisatva faz com tantas mãos e olhos?"

Mestre Dogo disse: "É como alguém esticando a mão atrás da cabeça durante a noite, procurando por seu travesseiro".

Mestre Ungan respondeu: "Entendo, entendo".

Mestre Dogo disse: "O que você entende?"

Mestre Ungan respondeu: "Mãos e olhos existem por todo o corpo".

Mestre Dogo, então, disse: "Suas palavras descrevem a situação, mas talvez somente 80% ou 90%".

Mestre Ungan perguntou: "O que você diria?"

Mestre Dogo respondeu: "O corpo inteiro é apenas mãos e olhos".

CASO 111

Certo dia, Mestre Hogen estava limpando o chão ao redor de uma fonte que tinha sido entupida por areia.

Ele disse ao monge que o acompanhava: "O olho da fonte estava fechado porque tinha sido entupido. Quando os olhos para ver a verdade estão fechados, o que os entope?"

O monge não pôde responder.

Mestre Hogen, então, disse a seu aluno: "Eles estão entupidos por olhos".

CASO 166

Certo dia um monge perguntou a Mestre Unmon: "Quando vida e morte chegam, como podemos evitá-las?"

O Mestre disse: "Onde elas estão?"

CASO 212

Certo dia, Mestre Rakan Keichin perguntou a um monge: "De onde você acaba de vir?"

O monge disse: "Do distrito do norte".

O Mestre perguntou: "Como é o budismo no distrito do norte?"

O monge respondeu: "As discussões são plenas e vigorosas".

O Mestre, então, disse: "Como é possível que estas discussões sejam superiores a plantar e comer o arroz deste distrito?"

O monge disse: "É impossível negarmos a existência dos três mundos".

O Mestre perguntou: "O que você chama de três mundos?"

O monge alcançou algum tipo de realização.

CASO 294

Mestre Joshu Jushin disse: "O Olho que vê o Universo inteiro tem existido por muitas eras; ele nunca vaza – não perde nem mesmo uma parte infinitesimal. Eu lhes peço que compreendam isso. Qual é a sua compreensão?" •



Obon Urabon Bon Festival

Por Monja Coen

Desde o século VIII até hoje, há uma série de práticas budistas baseadas no ritual de alimentar espíritos famintos, de cuidar dos espíritos dos ancestrais e de pessoas falecidas da família. Essas práticas são derivadas de um Sutra, conhecido como Urabonkyo em japonês. O Ullambana Sutra é considerado um texto apócrifo — isto é, que teria sido supostamente escrito na Índia, mas foi na verdade escrito na China. É desse sutra que deriva o nome do festival. Urabon é abreviado para "Bon", e a vogal "O" é honorífica.

O sutra Ullambana, ou Urabonkyo, foi provavelmente escrito na China no século VI e ajudou a sanga budista a se estabelecer como participante dos hábitos chineses de adoração aos ancestrais. Mas também se baseava em precedentes indianos sobre a ideia de dedicar mérito para auxiliar espíritos dos ancestrais das pessoas que mantinham a sanga.

Eruditos debatem sobre a etimologia do termo budista em sânscrito, *ullambana*, mas sua derivação permanece obscura. Uma das teorias é que se origine do sânscrito *Avalambana*, que significa estar pendurado de cabeça para baixo — uma possível referência aos estados dolorosos de espíritos deixados pendurados: aqueles que não tinham descendentes vivos para fazer ofertas rituais.

Outra teoria é a de que *ullambana* vem de *uruban*, uma palavra persa para os espíritos dos mortos. A etimologia folclórica é que *ullambana* se refere às tigelas usadas para fazer ofertas aos espíritos, e que os chineses teriam acrescentado uma outra pincelada no caractere para corresponder ao som de *ullambana*.

De qualquer maneira, o Ullambana Sutra ensina o modo tradicional de adoração ancestral chinesa, que envolve oferecer alimentos (*kuyo*) aos espíritos, colocando comida e bebida no altar. No entanto, essas oferendas não podem ser absorvidas pelos ancestrais se seus carmas tiverem sido negativos, ou se eles tiverem se tornado espíritos famintos.

O sutra ilustra esse ponto com a história do monge Mokuren (Maudgalyayana em sânscrito), cuja mãe havia renascido como um espírito faminto, incapaz de receber as ofertas que ele dava. Para ser verdadeiramente filial, segundo o sutra, ele deveria primeiramente fazer doação aos monges e monjas — o mais fértil campo de mérito —, criando, assim, carma positivo para usar essa força ao fazer ofertas a seus ancestrais e dar a eles um estado de existência mais feliz. Segundo o sutra, Xaquiamuni Buda diz o seguinte a Mokuren:

"No décimo quinto dia do sétimo mês, dia no qual os Budas se alegram, dia no qual os monges e monjas saem do treinamento intensivo, devem-se-

colocar alimentos e bebidas de um dos 100 sabores dentro de uma tigela yulan e doar aos monásticos nas dez direções.

Quando as preces terminarem, os pais obterão longa vida, passando 100 anos sem doenças e sem nenhuma espécie de sofrimento, enquanto sete gerações de ancestrais deixarão os estados de sofrimento, de espíritos famintos, obtendo renascimento entre divindades e seres humanos com bênçãos ilimitadas".

O Ullambana Sutra explicava a prática de alimentar espíritos famintos (*segaki*), também conhecido como "salvar as bocas queimantes". Essa prática se tornou tremendamente popular do século VII em diante e ajudou a associar a sanga budista aos hábitos chineses de adoração ancestral. Isso ajudou a reduzir as críticas aos monges e monjas celibatários, que não produziam descendentes para cuidar de seus ancestrais.

Durante esse festival dos espíritos, a sanga também se promovia como uma organização de caridade, cuidando e apacando espíritos potencialmente perigosos, que, sem família, poderiam assaltar o estado imperial e a população em geral.

Alimentar os espíritos famintos também exprime o ideal Mahayana da Compaixão Universal e envia a mensagem de que a família de Buda inclui todos os seres vivos.

A data tradicional para o Festival de Obon é o décimo quinto dia do sétimo mês pelo calendário lunar chinês. Desde que o Japão adotou o calendário gregoriano, algumas partes do país o celebram no dia 15 de agosto — a data mais próxima de 15 de julho do calendário lunar. Outros o celebram no próprio dia 15 de julho.

Segundo a crença popular japonesa, Obon é a época em que os ancestrais retornam para visitar o mundo dos vivos, devendo ser cumprimentados com grande respeito. As pessoas limpam os túmulos da família e fazem ofertas de frutas, flores, velas e incenso. Convidam monges e monjas às suas casas para fazerem a leitura de sutras e serviços memoriais em frente aos tabletes (*ihais*) dos falecidos.

Uma vez que os espíritos precisam ser orientados através da escuridão, algumas vezes lanternas ou candelabros são acendidos nos túmulos. Em algumas comunidades, velas são colocadas em barquinhos de papel e jogadas nos rios. Na cidade de Kyoto, um grande fogo é aceso na montanha com a forma do caractere Grande (*Dai*). Durante a semana de Obon, a maioria dos templos faz as preces em um altar especial, para os espíritos dos três

mundos (*sangai no banrei*), e entoa o *Kanromon* (Portal do Doce Néctar). O mérito é dedicado aos espíritos dos falecidos.

Nessa época do ano, os familiares se reúnem na casa do irmão (ou irmã) mais antigo, ou mais próxima da casa ou do túmulo dos ancestrais. Há muita alegria, alimentos especiais da época (verão no Japão) e a dança tradicional de roda, para que os falecidos vejam como a família está bem e feliz, saudável e contente, e possam, assim, ficar em paz.

Nas casas, os tabletes memoriais (*ihais*) são colocados em um altar especial, como o do desta página.

Lembrem-se de invocar seus ancestrais, fazer ofertas e preces, vir ao templo e agradecer por suas vidas, dançando e cantando com alegria. •

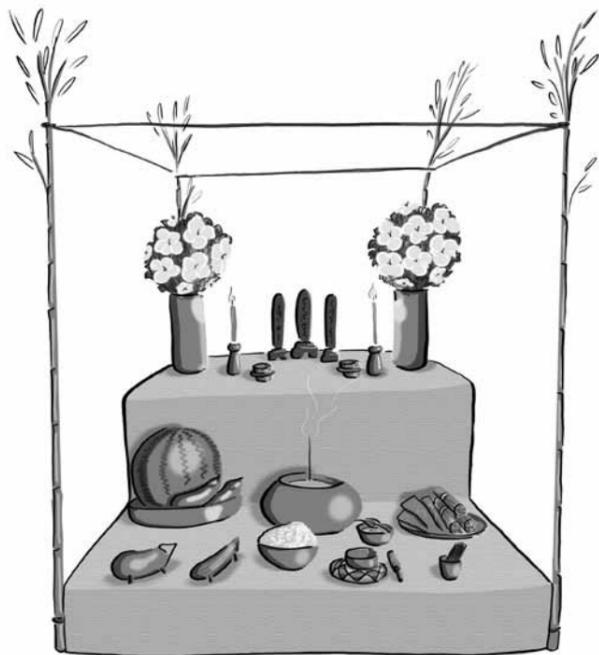


Ilustração: Nicholas Baroncelli Torretta

Testemunhando o sofrimento da sociedade atual sob as lentes dos princípios de Buda

Por Monja Heishin Malu Gandra

Sidarta Gautama, da família de Shákia, 2.600 anos atrás, jovem rico, rodeado de abundância, quando testemunhou velhos nas ruas da Índia, pessoas doentes e a morte, foi tomado por questionamentos que o levaram à busca de respostas. Foi mobilizado por situações concretas, reais, humanas.

Transtornado por essa realidade de sofrimento, foi impulsionado ao processo de busca de compreensão. Saiu de sua propriedade, abandonou a família e a abundância, o conforto e a segurança material, a mulher e o filho de poucos meses de vida, para um caminho de abnegações, determinado a tranquilizar seu coração.

Refugiou-se na floresta e, em conjunto com outros renunciantes, foi em busca dessas respostas. Após alguns anos, muito magro, frágil, debilitado fisicamente, aceitou a oferta de arroz doce de uma mulher que passava próximo a ele. Seus companheiros repreenderam sua atitude de ceder à fome, mas foi isso que fortaleceu aquele jovem determinado, que pôde retomar sua busca.

Sentou-se novamente e em plena atenção permaneceu por sete noites e, no amanhecer do oitavo dia, ao ver a estrela da manhã, disse: "Eu, a grande Terra e todos os seres nos tornamos o Caminho". Sidarta despertou. Tornou-se um Buda. Percebeu a realidade sutil, os princípios que lhe permitiram compreender a origem do sofrimento...

Um Buda surgiu a partir de questionamentos concretos da vida humana.

Seus ensinamentos ainda hoje, no século XXI, são apresentados por diversas tradições budistas, por meio de linguagens culturais diferentes, e acessados por milhões de pessoas, por constituírem fonte inesgotável de reflexões e respostas. Em seus ensinamentos, três princípios interligados fundamentaram suas palavras:

A interdependência: tudo está interligado, interconectado. Nada está separado, isolado, independente.

O vazio: não há entidade isolada e fixa, como a noção equivocada de um "eu" fixo e independente.

A impermanência: a transitoriedade da vida/morte. O surgir e o desaparecer dos fenômenos.

A partir desses princípios, seus ensinamentos se desenvolveram e foram compartilhados por muitos seguidores até seus 80 anos de idade, quando entrou em Parinirvana.

Hoje, ao caminharmos pelas ruas da cidade, pelas rodas de conversa, por todas as mídias, continuamos a testemunhar inúmeras situações de sofrimento.

A doença em suas manifestações física, simbólica, psicológica, estrutural, como nos sistemas sociais de exclusão, de violações dos direitos fundamentais; nos sistemas precários de atenção à educação, à saúde, na exclusão social; nos sistemas políticos corruptos, contraditórios da representação democrática e mantidos por interesses privados, visando a benefícios de grupos articulados; no sistema relacional

da convivência humana, alimentada pela discriminação, intolerância, violência doméstica, violência contra a mulher, contra o homem, contra a criança, a pedofilia, a homofobia, entre outras; no tráfico de drogas e de pessoas; no pessimismo, na descrença que imobiliza jovens e adultos para a mudança necessária; no sistema de comunicação em massa, que reforça e reproduz essa realidade; do não reconhecimento da interdependência entre tudo o que existe, das delusões cristalizadas, pontiagudas.

A morte presente nas torturas, nas execuções sumárias, no trânsito, nos suicídios, no descomprometimento com o cuidado com a vida humana, com a natureza, a água, o ar, as florestas, os animais silvestres e seu habitats cada vez mais desprotegidos, a morte das crenças, dos ideais.

Por essas ruas Budas caminham...

Os princípios de Buda ainda são como lentes de aumento que nos permitem olhar em profundidade todas as causas geradoras de sofrimento e nos ajudam a identificar o caminho para a sua superação.

Uma vez que percebemos ser interligados com tudo o que existe, não há como nos omitir, nos isolar dessa realidade. Uma pessoa que sofre reverbera em todos. Quando uma pessoa é presa, o limite à liberdade nos prendeu a todos. Quando uma criança nasce, a humanidade se revigora. Quando acolhemos nossos idosos com carinho e cuidado, contribuímos para a mudança necessária.

Quando testemunhamos um ato de violência e buscamos compreendê-lo sob a lente da interdependência, nosso olhar é "sistêmico", isto é, começamos a identificar as causas e condições relacionadas ao fato, que por sua vez reúne muitos outros fatos geradores e que superam a condição da própria pessoa, vítima e vitimada.

Passamos a compreender que um fato que envolveu um jovem e muitas crianças em uma escola vai muito além do jovem e daquelas crianças executadas por ele...

Não há isenção de responsabilidades, mas a compreensão da complexidade do atendimento e da intervenção, contemplando padrões culturais geradores de violência.

A compreensão nos empodera, nos permite agir de maneira mais consciente e, por sermos interligados, passamos também a cuidar e a cuidar em rede.

A compreensão da interdependência e do vazio de uma entidade fixa, em transformação, nos leva a rever constantemente nossos conceitos, nossas formas de enxergar o mundo, pois estamos e somos relação, fluxo, ação e reação, causas e efeitos simultâneos, e passamos a testemunhar com o olhar do cuidado e da compaixão ativa.

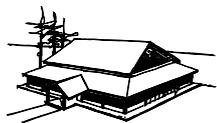
O terceiro princípio, da impermanência, refere-se a quando tudo se transforma, por estar em relação e não fixo. Abrimos as mãos para o pluriverso que somos e nos fortalecemos para mudar tudo aquilo que é fonte de sofrimento.

Os ensinamentos de Buda nos tornam necessariamente ativos, propositivos, livres e comprometidos. Assim, Xaquiamuni Buda foi um agente de mudança. Foi crítico. Foi um líder, mobilizou muita gente e até hoje mobiliza para uma ética que transcendeu a forma de pensar linear e fragmentada.

Convidamos a todos que aprofundem esses princípios e os traduzam à sua vida, que testemunhem os fatos de forma a agir sobre eles em profundidade, compartilhando os seus conhecimentos, as suas competências e habilidades para o bem de todos os seres.

Vocês aceitam esse arroz doce? •





UM TEMPLO PARA O
ZENDO
BRASIL

Colabore para a construção de nossa sede própria: local destinado aos retiros, treinamento e prática de ensinamentos zen budistas

Comunidade Zen Budista ZendoBrasil
tel.: (11) 3865-5285
e-mail: zendobrasil@gmail.com

AGENDA DA COMUNIDADE

Julho

- 1 a 10** Treinamento monástico. Local: Zendo
16 Zen da Paz. Local: Zendo
17 Caminhada Zen no Parque da Água Branca.
Local de encontro: Recanto das Figueiras, 10h
18 a 1 Viagem de Monja Coen ao Japão

Agosto

- 14** Cerimônia de Obon. Local: Zendo, 13h30
20 Zen da Paz. Local: Zendo
20 Cerimônia de Novos Membros. Local: Zendo, 18h
21 Caminhada Zen no Parque da Água Branca com Zazenhos.
Local de encontro: Recanto das Figueiras, 10h
27 Às 10h, o monge Dengaku fará Combate do Dharma no Templo Enkoji, sob a direção do monge O'hata. Nessa ocasião, o monge O'hata se tornará oficialmente abade do templo.
Local de referência: Kinkakuji – Templo do Pavilhão Dourado, Itapeverica da Serra. Todos são bem-vindos.

Setembro

- 9 a 11** Viagem da Monja Coen a Porto Alegre
17 Samu de Primavera. Local: Zendo
18 Caminhada Zen no Parque da Água Branca.
Local de encontro: Recanto das Figueiras, 10h
Cerimônia de Ohigan-e. Local: Zendo, 13h



Jukai – Cerimônia de recebimento de preceitos

31 de maio | Roshin Alexandre Esclapes.
Ro= Ancião, antigo, shin=coração/mente, essência, ou seja, "coração/mente de ancião"



12 de junho | Daikô Pedro Krauss.
Dai=grande, kô=luz
27 de junho | Jiten Leonor Fridman.
Ji=compaixão, ten=vastidão do céu, imensidão, compaixão celestial

Estão disponíveis, gratuitamente, no site www.monjacoen.com.br os podcasts das palestras do Dharma de Coen Sensei realizadas às terças-feiras, às 20h, no Zendo. As gravações também estão disponíveis em CDs na lojinha da comunidade para aqueles que queiram colecioná-los ou presentear alguém.

Doações

A Comunidade Zen Budista Zendo Brasil é uma instituição religiosa sem fins lucrativos. Para ajudar na manutenção do espaço de prática, é requerida uma contribuição mínima de R\$ 10,00 para cada atividade fixa. Aqueles que se tornam membros praticantes se comprometem a uma doação mensal. Ajude-nos a construir nossa sede própria. Mais informações, com Mônica na Secretaria. CNPJ: 04.804.384/0001-56 Banco Itaú, agência: 1664 Conta poupança: 21762-5/500

Livros



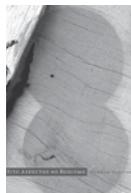
MONJA COEN – A MULHER NOS JARDINS DE BUDA
Romance Biográfico escrito pela psicóloga Neusa C. Steiner. R\$ 53,90



VIVA ZEN
Monja Coen mostra que viver Zen não é só ficar bem, mas é um modo de recontar a própria história. R\$ 25,00



SEMPRE ZEN
Em seu segundo livro, Monja Coen volta a nos contagiar com sua postura de vida e ensinamentos Zen Budistas. R\$ 25,00



OITO ASPECTOS NO BUDISMO
Destinado à pessoas que desejam aprofundar-se nos ensinamentos de Buda. R\$ 15,00



PARA UMA PESSOA BONITA
Ensaio escrito por Shundo Aoyama Roshi, professora da Monja Coen no Japão. R\$ 35,00

Trecho: "Quando nos acontece alguma coisa triste, perdemos a calma, buscamos fugir, o entusiasmo nos abandona e perdemos a coragem. Por outro lado, quando nos encontramos em situações propícias, nos gabamos cheios de arrogância, pensando que somos superiores. A boa sorte pode nos embriagar. Mas mestre Dogen dizia que precisamos sempre observar as quatro estações como uma cena completa, pensando que tanto a felicidade quanto a infelicidade compõem uma única paisagem. Devemos apreciar ambas, sem perder a calma. A natureza, como a viagem da vida, prossegue sem levar em conta nossas pequenas preocupações pessoais, nossos problemas mediocres e mundanos".

Programação Fixa

Segunda-feira

20h Curso de Preceitos I, II e III
(para membros inscritos)

Terça-feira

20h Palestra do Dharma
(aberta a todos)

Quinta-feira

20h Zazen para principiantes*

Sexta-feira

20h Zazen*

20h40 Kinhin

20h50 Zazen e Teisho

(palestra formal do Dharma)

Sábado

18h30 Zazen*

19h Kinhin

19h10 Zazen e Dokusan

19h40 Cerimônia (Leitura do Sutra do Coração da Grande Sabedoria Completa)

A programação de sábado é alterada nos dias de retiros e jogos no Estádio do Pacaembu.

Domingo

Apenas no terceiro domingo do mês:

10h Caminhada Zen pela Paz no Parque da Água Branca (encontro no Recanto das Figueiras)

Todos os domingos:

11h30 Zazen para principiantes*

13h Encerramento

20h Curso de Budismo Básico (favor confirmar as datas, pois as aulas não serão todos os domingos)

21h Encerramento

* Chegar 15 minutos antes

Este jornal é uma publicação trimestral, de distribuição gratuita, da **Comunidade Zen Budista ZendoBrasil**. Ele é o resultado do trabalho voluntário realizado pelos membros da comunidade.

Supervisão: Monja Coen
Edição: Fabrício Brasilense
Arte: Fugetsu Regina Cassimiro
Ilustrações: Engetsu Carol Lefèvre e Nicholas Baroncelli Torretta
Revisão: Chiho Otavio Lilla e Andrea Caitano
Agradecemos à Gera Gráfica Editora Ltda. pela impressão gratuita deste jornal (11 5011-9722).
Tiragem: 1.000 exemplares

Comunidade Zen Budista ZendoBrasil

Rua Des. Paulo Passaláqua, 134
Pacaembu, São Paulo-SP
CEP: 01248-010
Tel.: (11) 3865-5285
zendobrasil@gmail.com
monjacoen.com.br
zendobrasil.org.br

Participe você também do Jornal ZendoBrasil. Mande fotos, dê sua opinião, sugira pautas, envie sua dúvida sobre o Zen, escreva um artigo.
Nosso e-mail: jornalzendo@gmail.com